

Tecnologias de informação na crise

Frederico Turolla

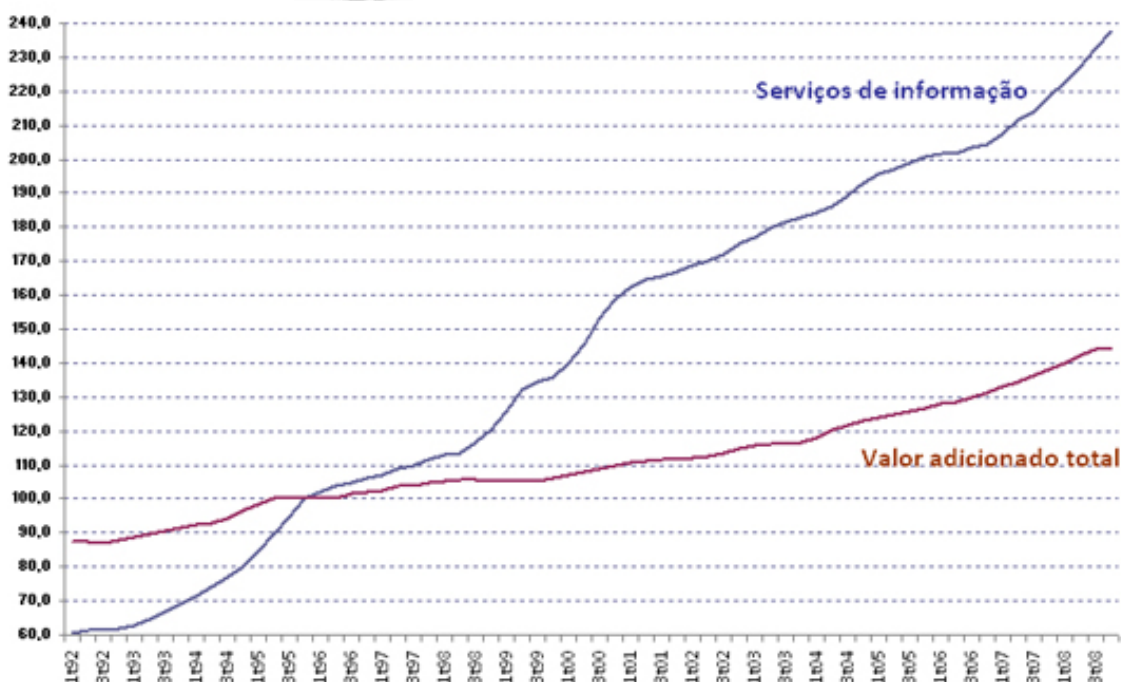
Os anos 80 foram marcados pela trajetória de desenvolvimento dos computadores pessoais. Os anos 90 testemunharam o avanço da Internet e do correio eletrônico. Na década atual, o amadurecimento e a disseminação do uso destas tecnologias provocaram grandes impactos sobre a vida das pessoas e sobre a atividade econômica mundial.

Não há exagero em afirmar que, nas últimas três décadas, o mundo experimentou uma grande revolução das TIC (tecnologias de informação e de comunicações). Uma consequência direta dessa revolução foi um extraordinário salto na produtividade nas principais economias, que foi transmitida para quase todo o mundo.

A produtividade é, para muitos economistas, a fonte legítima do crescimento econômico. Os fatos são eloquentes. Desde 2004, praticamente todos os países viveram a deliciosa sensação da prosperidade: apenas cerca de 4 ou 5 países, entre os 181 acompanhados pelo Fundo Monetário Internacional, apresentaram crescimento negativo do PIB. Para se ter uma idéia do que isto representa, na década passada, em média 33 países cresciam a taxa negativa, sendo que em 1993 foram 55 nações no vermelho.

Ao contrário do que muitos dizem, portanto, a prosperidade que vivemos nos últimos anos não foi artificial ou irreal: ela tem origens legítimas, pois foi baseada em saltos tecnológicos indutores de produtividade. É verdade que os preços dos ativos refletiram mais que proporcionalmente este fato - e por isso agora estes preços estão sendo corrigidos, com uma crise de grandes proporções. Como na bolha tecnológica do fim dos anos noventa, o mundo superestimou as possibilidades das novas tecnologias - mas, descontando o exagero, elas de fato melhoraram nossas vidas e azeitaram os negócios.

A revolução ainda não acabou. O setor de TIC como um todo deverá crescer acima do PIB em 2009. Há uma tendência estrutural em andamento, que opera nesta direção. O gráfico a seguir ilustra esta tendência a partir do comportamento dos serviços de informação, que podem ser considerados como uma proxy deste setor.



No quarto trimestre do ano passado, a economia brasileira, já fortemente afetada pela crise, encolheu a um ritmo de 15,2% ao ano. Dado o forte crescimento dos três trimestres anteriores, o PIB ainda atingiu um nível 1,3% superior ao do mesmo trimestre do ano precedente. Já os serviços de informação apresentaram, no mesmo conceito, expansão de 9,1%, a maior entre os sub-setores que compõem o PIB. Este ritmo tende a arrefecer nos próximos trimestres, mas ainda assim poderá se manter mais forte que o conjunto da economia.

Sob o ponto de vista empresarial, o chavão "crise é sinônimo de oportunidade" irrita pela repetição exagerada, mas é correto. Entre as oportunidades, pode-se citar uma: o ambiente econômico mais realista deve favorecer uma conversão de várias formas de comunicação em telecomunicações. Por exemplo, reuniões presenciais, intensivas em transporte de pessoas e equipamentos, onde a comunicação é feita face-a-face, serão substituídas por transporte de bits. O produto mais óbvio neste caso é a videoconferência, mas há muito mais: logrará prosperar quem descobrir os produtos certos, ainda que menos óbvios, relativos a este conceito de negócios.

Tudo isto constitui evidência suficiente de que a aceleração do crescimento da produtividade tem no setor de TIC uma de suas principais armas, senão a melhor. Na área de políticas públicas anti-crise, há um espaço fabuloso que, em países como o Brasil, está praticamente inexplorado. Trata-se da urgente expansão da infraestrutura básica de comunicações, que poderia alavancar um novo salto na produtividade geral da economia e aquecer a produção e as vendas de um grande número de equipamentos e serviços de TIC.

Aqui, o principal vetor não é a telefonia celular, que já alcança penetração razoável: são fundamentais as redes de grande capacidade, de próxima geração, que se encontram bastante subdesenvolvidas no Brasil. Estas redes são aquelas capazes de carregar serviços variados - voz, dados e vídeo, sobre uma mesma infraestrutura, trazendo brutais reduções no custo médio das comunicações, e também de serviços que as usam como insumo, como vem acontecendo nos principais países do mundo. São elas as responsáveis pelo barateamento, em cerca de 30%, das comunicações no mundo desenvolvido, enquanto no Brasil os preços de comunicação aumentaram mais de 10% no mesmo período.

O presidente eleito dos EUA já percebeu isto. Uma reportagem do The Wall Street Journal de 18 de dezembro comentava as propostas de Obama para a infraestrutura de telecomunicações: "Os investimentos, por si só, não podem remediar essas deficiências. Talvez o que falte aos EUA seja, simplesmente, a competição nos serviços de Internet, necessária para estimular o desempenho - problema que ultrapassa o alcance dos gastos federais. A maioria dos mercados do país consiste de um duopólio formado por uma operadora de telecomunicações e uma empresa de TV a cabo. Na Europa, os governos obrigaram as telefônicas a abrir suas redes para provedores concorrentes, medida que encontra resistência nos EUA."

O Brasil tem sido incrivelmente lento na promoção da concorrência em telecomunicações. Avançamos, timidamente, na concorrência entre redes, e não avançamos na abertura das redes existentes. Note-se que a abertura das redes soa mais apropriada para o caso brasileiro, pois exige muito menos dos recursos escassos com que contamos. Algumas políticas já implementadas, como a portabilidade e a oferta de novas licenças no espectro eletromagnético, são importantes, mas ainda bastante tímidas.

Um combate efetivo à crise poderia, portanto, ser feito com base na indução aos ganhos de produtividade na economia, contando decisivamente com o setor de TIC - além de outros, como a infra-estrutura de transportes. Não há necessidade de grandes investimentos públicos, que consumiriam o curto (e mesmo assim, superdimensionado) orçamento público e que agravariam eventuais preocupações quanto à solvência soberana. Há, sim, urgência de aperfeiçoamento institucional e de ação na área regulatória e concorrencial, levando a redução de custos e maior investimento privado. A receita contra o tique nervoso da crise deveria passar pelas TIC, e por uma boa dose de concorrência.

TUROLLA, Frederico. Tecnologias de informação na crise. **AMCHAM**, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.amcham.com.br>>. Acesso em 14 abr. 2009.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais